

Uma falha técnica fez com que este trabalho publicado nas páginas centrais da semana passada saísse truncado, o que impossibilitou a sua leitura. Razão pela qual repetimos a sua publicação nesta semana com um pedido de desculpa aos nossos leitores.

Uma história de refugiad

A casa que aparece no curto filme sobre os refugiados judeus nas Caldas da Rainha em 1943 já não existe e no seu lugar está hoje um prédio de quatro andares. Mas uma das jovens mulheres que aparece no filme era portuguesa e caldense. Chamava-se Maria Benedita e morreu em 1998. A sua filha, Maria Emília Pontes Sequeira Marques, contou-nos o que sabia do casal Lilly e Isaac Weissman que viveu na casa dos seus pais Uma curta história de refugiados. Incompleta, como todas as histórias desse tempo.

Maria Emília Marques nem queria acreditar quando viu as imagens da casa onde nasceu e a sua mãe, então com 20 anos, a regar o jardim. A cena aparece no filme que uma equipa de reportagem norte-americana veio fazer a Portugal em 1943 sobre a passagem de milhares de refugiados da II Grande Guerra

por Portugal, então um porto de abrigo para quem fugia do extermínio nazi que na altura ocupava mais de metade da Europa e perseguia judeus, ciganos, homossexuais e todos os que politicamente se opunham a Hitler.

Caldas da Rainha, a par de Ericeira e Estoril, era um dos pontos onde o governo concentrou os refugiados, devido à sua capacidade hoteleira (na



DR
A casa da família Pontes que aparece no documentário foi o porto de abrigo do casal Weissman durante os anos da Guerra

altura a cidade era verdadeiramente termal). A quantidade de estrangeiros que nela

estavam alojados justificou que a equipa de reportagem se deslocasse às Caldas para

filmar o seu quotidiano.

Setenta anos depois, **Gazeta das Caldas** deu a conhecer

essas imagens (que estão online no site do Museu do Holocausto dos Estados Unidos) durante uma sessão sobre as origens do 25 de Abril que teve lugar no CCC no passado dia 5 de Junho.

Na edição de 6 de Junho, o nosso jornal publicava a notícia da existência deste filme. Nesse fim-de-semana, a caldense Maria Emília Marques, de 65 anos, a residir no Algarve há 31 anos, estava por coincidência em Salir de Matos para visitar familiares.

E é num café da localidade, ao ler a **Gazeta**, que se confronta com a notícia. **“Ai não me digam que é este o filme dos refugiados que a minha mãe falava!”**, exclamou na altura.

“Fiquei mortinha por chegar a Lisboa. Assim que cheguei fui ver o filme e não imagina a sensação! Ó pá, eu vi o filme 500 vezes! Telefonei logo para as minhas filhas, sei lá... foi uma sensação...!”

A conversa decorre numa esplanada de Monte Gordo onde Emília Marques costuma passar parte do Verão com o marido. Mostra-nos fotografias tiradas na mesma altura em que o filme foi feito e onde se vê o casal de judeus que viveu na casa que foi dos seus avós e dos seus pais, e onde ela própria nasceu.

Embora nunca tivesse visto o documentário, já sabia da sua existência porque - outra coincidência - umas primas tinham-no visto no cinema nos anos quarenta. Nessa altura os filmes eram sempre precedidos de um documentário e naquele dia era precisamente um sobre os refugiados em Portugal. As familiares de Emília Marques não contiveram o espanto e exclamaram em voz alta: **“Ai a Mariazinha e a tia!”**.

A Mariazinha é Maria Benedita (que ganharia o apelido Pontes com o casamento) e a tia é Maria Augusta Ferreira, respectivamente, mãe e avó



Imagens do documentário sobre os refugiados nas Caldas da Rainha e que pode ser visto em http://www.ushmm.org/online/film/display/detail.php?file_num=1103
Maria Benedita aparece no filme a regar o jardim

os nas Caldas da Rainha

de Maria Emília Pontes Sequeira Marques.

O documentário completo mostra também o seu pai, João Carvalho Pontes, o que significa que algures num arquivo dos Estados Unidos existirá um bobina com um filme muito mais completo sobre as Caldas da Rainha dos anos quarenta do que os dois minutos e meio que o Museu do Holocausto recortou para mostrar no seu site.

O CASAL WEISSMAN

A casa térrea que aparece no filme era nova na altura. Tinha sido construída três anos antes, em 1940, por Joaquim Ferreira (que foi sargento da Guarda Fiscal nas Caldas) e Maria Augusta Ferreira. O casal teve apenas uma filha - Maria Benedita -, à data com pouco mais de 20 anos e que aparece no documentário a estender roupa com o casal de refugiados.

Como muitos caldenses na altura (até porque havia essa prática com os aquistas que vinham passar temporadas às Caldas), Joaquim Ferreira e Maria Augusta alugaram um quarto ao casal Lilly e Isaac Weissman. A sua nacionalidade é desconhecida, mas Emília Marques tem uma vaga ideia que seriam polacos. Certo é que Isaac Weissman era uma figura pública. Pertencia ao corpo diplomático e chegou a ser delegado de Portugal e Espanha no Congresso Mundial Judaico, pelo que, segundo relatos dos pais de Emília Marques, várias vezes houve jornalistas portugueses e estrangeiros que vieram de propósito às Caldas da Rainha para o entrevistar.

Isaac, que na altura rondava os 50 anos, era casado em

segundas núpcias com Lilly, cuja idade era próxima da de Maria Benedita e daí até a cumplicidade que transparece entre ambas as mulheres durante os curtos segundos do filme. As duas, vindas da casa, aproximam-se da câmara e a portuguesa começa a estender roupa enquanto a estrangeira rega o jardim. Ao mesmo tempo, vê-se, com ar divertido, Isaac a trabalhar no jardim com um segundo homem que Emília Marques não consegue identificar, sendo provável que fosse também um refugiado estrangeiro.

Os Weissman estiveram dois anos nas Caldas e mudaram-se depois para Lisboa, onde viveram na Rua Alexandre Herculano, antes de partirem de Portugal. Não se sabe para onde, mas o mais provável é que tivesse sido para os Estados Unidos.

A relação do casal com a família Pontes parece ter sido ótima. Apesar dos donos da casa não dominarem línguas, Maria Benedita tinha aprendido francês (a língua estrangeira mais usada naquela época) e servia de intérprete. O seu namorado, João Carvalho Pontes - com quem viria a casar e que na altura já frequentava a casa dos futuros sogros - era engenheiro agrônomo e falava também francês.

A prova dessa boa relação é que, cerca de 15 anos depois do fim da guerra, o casal aparece de surpresa nas Caldas da Rainha para visitar a família que os acolheu. Emília Marques já era viva. Teria 10 a 12 anos nessa altura e conta que estava com os pais, a avó e o irmão à mesa, à hora do almoço, quando, de repente, batem à porta e aparecem Isaac e Lilly.

"Lembro-me da surpresa

A casa térrea deu lugar a um prédio de quatro andares

João Manuel Pontes, o segundo filho de João Carvalho e Maria Benedita, também nasceu na casa que o documentário americano imortalizou. Em 1957. Nessa altura já a guerra era uma recordação distante, mas João Pontes recorda-se de desde sempre ouvir histórias do casal estrangeiro que esteve na casa dos pais.

Nesta fotografia vê-se o local onde existiu a casa, demolida no início dos anos 80 para dar

lugar ao prédio no qual vive João Pontes. Da casa original só resta um muro interior.

Mas os plátanos que se avistam nos primeiros segundos do filme, quando aparece a placa das Caldas da Rainha, ainda existem. A própria placa, aliás, situava-se a poucos metros da casa dos Pontes, próxima da rotunda da EDP. Em 1943, para quem vinha do lado sul, as Caldas começava ali.



João Manuel Pontes vive hoje no mesmo local onde viveram os seus pais e avós

CARLOS CIPRIANO

que isso representou lá em casa. Os meus pais ficaram emocionados. Eu já tinha ouvido falar deles, mas foi nesse dia que os conheci", conta Emília Marques, que lamenta hoje não ter perguntado mais coisas aos seus pais sobre o casal de hóspedes estrangeiro.

CALDAS COSMOPOLITA

"A minha mãe contava-me coisas sobre a vida dos refugiados naquela altura. É verdade que as Caldas da Rainha se distinguiu desde então do resto do país devido à influência dos refugiados", conta. A cidade tornou-se cosmopolita. Antes não era habitual ver-se uma mulher a entrar no café e muito menos a fumar. As calças eram uma peça de vestuário exclusiva dos homens, mas a própria Lilly é uma das estrangeiras que as usa.

Caldas tornou-se mais liberal nos costumes e essa influência manteve-se durante as décadas seguintes. Em 5 de Junho aquando da apresentação do livro de Avelino Rodrigues, "O 25 de Abril e o Movimento dos Capitães", Vasco Lourenço e outros militares que nos anos 60 serviram no RI5 contaram que as Caldas era uma cidade diferente das restantes cidades de província do país. E a própria Maria Emília Marques é testemunha disso quando, também nos anos 60, vai estudar para a Escola Superior Agrária de Santarém e se depara com uma cidade **"que era muito mais atrasada do que as Caldas"**.

Seguindo as pisadas do pai, Maria Emília Pontes Sequeira Marques conclui a licenciatura em Agronomia em 1972. Durante cinco anos dará aulas nos Pavilhões do Parque na então Secção do Liceu de Leiria. Só mais tarde, após o 25 de Abril aquela secção liceal passaria a ser liceu, estando na origem da futura Escola Secundária Raul Proença.

Como já na altura a vida de professor era de saltimbanco, depois de ter ido parar a

Castanheira de Pêra, Emília Marques resolve abandonar o liceu e ingressa no Ministério da Agricultura, onde trabalhou na Estação Agrária das Caldas da Rainha entre 1978 e 1983. Nesse mesmo muda-se para Faro e é na Direcção Regional de Agricultura do Algarve que fará toda a sua carreira até à idade da reforma em 2010.

Duas das suas três filhas já nasceriam em Faro, mas o destino quis que Emília Marques

reforçasse os laços com as suas origens caldenses. A filha mais nova, Joana, conhece na faculdade, em Lisboa, um rapaz por quem se apaixonou e que é natural de ...Salir de Matos. E é precisamente numa visita à família do seu genro que Emília Marques se confronta com a edição da Gazeta onde vem a notícia do filme dos refugiados e da casa onde nasceu.

Os pais, João Carvalho Pontes e Maria Benedita, mor-

reram, respectivamente, em 1994 e 1995. Mas a casa que está na origem desta história não resistiu ao crescimento da cidade e foi demolida nos anos oitenta. No rés-do-chão do prédio que lhe sucedeu funcionou muito anos a Pizzaria Itália, sucedendo-lhe hoje um restaurante indiano.

Carlos Cipriano
cc@gazetacaldas.com

CARLOS CIPRIANO



Mara Emília Pontes Sequeira Marques mostra fotografias dos pais e do casal de refugiados. E não esconde a surpresa que teve ao ver imagens da mãe num filme de 1943.

O NAMORO EM PORTUGAL

Os testemunhos que nos chegam da relação dos casal Weissman com os anfitriões portugueses eram de uma grande cumplicidade. Uma das coisas que mais surpreendia os estrangeiros era a forma como se namorava em Portugal, em que a rapariga conversava à janela com o rapaz que ficava na rua. Na altura, Maria Benedita (mãe

de Emília Marques e de João Pontes) já namorava com o seu futuro marido João Carvalho Pontes, como se pode ver na fotografia da esquerda, feita pelos refugiados. Uma situação que consideravam tão caricata que eles próprios, em jeito de brincadeira, também se fizeram fotografar à janela como se fossem um casal de namorados português.

